



ES-CRE VI-VÊN CI-AS

FOTOGRAFICAS

PELES NEGRAS PRESENTES

Cláudia Cristina Ferreira Carvalho
Carla Cristina Oliveira de Ávila
Luci Ana Lima Souza

UFF
GD
editora

2024

Equipe EdUFGD

Coordenação editorial:

Marise Massen Frainer

Divisão administrativa:

Givaldo Ramos da Silva Filho

Rafael Todescato Cavalheiro

Divisão de editoração:

Brainner de Castro Lacerda

Cynara Almeida Amaral Piruk

Maurício Lavarda do Nascimento

Rosalina Dantas da Silva

Wanessa Gonçalves Silva

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Obra aprovada de acordo com o

Edital n. 02/2023-EDUFGD.

Editora filiada à:



Gestão 2022-2026

Universidade Federal da Grande Dourados

Reitor:

Jones Dari Goetttert

Vice-Reitora:

Cláudia Gonçalves de Lima

Conselho editorial:

Marise Massen Frainer

Bruno dos Santos Simões

Fernando Perli

Cláudia Gonçalves de Lima

Eliane Souza de Carvalho

Fábio Perboni

Alzira Salete Menegat (suplente)

Revisão:

Cynara Almeida Amaral Piruk

Projeto gráfico, diagramação e capa:

Brainner de Castro Lacerda

Fotógrafo:

Cleverton do Carmo Arrudra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

770.981
C331e

Carvalho, Cláudia Cristina Ferreira.
Escrevivências fotográficas : peles negras presentes [e-book]. / Cláudia Cristina
Ferreira, Carla Cristina de Ávila, Luci Ana Lima Souza, Cleverton do Carmo Arruda
(fotógrafo.). – Dourados, MS : UFGD, 2024.
136p.

ISBN: 978-85-8147-206-5

1. Representatividade negra. 2. Arte fotográfica. 3. Resistências. I. Ávila, Carla
Cristina. II. Souza, Luci Ana Lima. III. Arruda, Cleverton do Carmo. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD
©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.



Epígrafe

Peles Negras Presentes!

**“Ser fotografada é sempre uma doce surpresa para mim.
Uma por eu não acreditar que meu corpo é digno de recordação,
corpo esse que vos falo, negro e gordo,
porém uma doce surpresa sempre será.
Talvez minha beleza esteja nesse vaso rachado que me encontro.
Ademais, fico feliz que a câmera tenha me encontrado.
Meu sorriso torto, mas sincero,
minha boca pronunciada que fala por demais
e meus olhos pequenos desconfiados
capturam-se num transe,
quando se porventura a luz me cobre
e num segundo, o eterno se faz”.**

Héudia da Costa Monaco
Graduanda em Psicologia – FCH/UFMG



Epígrafe



08

APRESENTAÇÃO



134

Referências



11

INTRODUÇÃO



122

CAPÍTULO 3

Epílogo



34

CAPÍTULO 2

Escrevivências
Fotográficas
Autobiográficas



126

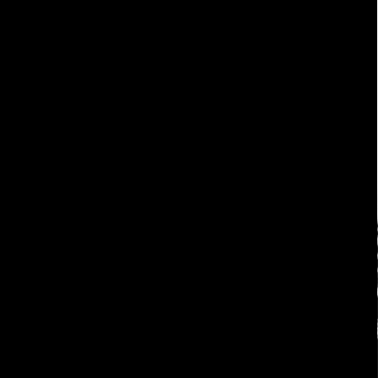
Making of



20

CAPÍTULO 1

Fotografia a
COR[romper] o
colonialismo!



Apresentação

8

O corpo é, sem dúvida, nossa epígrafe no mundo e a pele é a armadura que reveste a carnalidade da(o) sujeita(o), porque é aquilo que primeiro se vê e é por ela que se é vista(o). Na modernidade ocidental, a epiderme tem sido a fronteira em que se erguem as exclusões raciais, inscrições fenotípicas que abrigam esquemas de inteligibilidades complexas que marcam e demarcam a corporalidade dos sujeitos como condição de sua existência. Como inscrição no mundo acadêmico e, para além dele, a proposta deste livro é o resultado de outra obra que o antecedeu, que foi a *Exposição Fotográfica: Peles Presentes*, realizada em 2019, pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e pela Faculdade de Comunicação, Arte e Letras (FALE) através do Núcleo de Artes Cênicas (NAC), com curadoria das professoras Cláudia Cristina Ferreira Carvalho e Carla Cristina Oliveira de Ávila¹. O objetivo principal da exposição, além de produção de imagens, foi potencializar a visibilidade das pessoas negras que fazem parte da comunidade acadêmica, professoras e professores, estudantes, técnicas e técnicos administrativos a configurarem um total de 560 fotografias distribuídas ao longo dos corredores e blocos da universidade.

A performatividade fotográfica *Peles Presentes*, no sentido lato, convocou-nos a observar e a ouvir os muitos silêncios ancestrais presentificados na resignificação da representação imagética dos corpos negros. Mais que alegorias, são peles que em sua condição de “ser” autobiográfico, expressam a condição daquelas e daqueles que estiveram por muito tempo, na modernidade

1 Ver a ficha técnica da Exposição *Peles Presentes* no final deste livro.

ocidental, sem história, sem rostos, sem memórias ou identidade. As imagens, tal como mapas, expressam uma cartografia das vidas que habitam o cotidiano da universidade, simbolizam um passado presente das representações socio-políticas das muitas rotas diásporas transnacionais das africanidades e, as ressignificações históricas de caminhos que foram e são percorridos pelos corpos negros em sociedades e mentalidades ainda coloniais.

As *Peles Presentes* são os espelhamentos dos olhares enviesados nos cotidianos de quem olha o outro e vê a si mesmo, numa conjunção com outros corpos, materializados em rotas artísticas que convidam para o encontro afetivo e sensorial, que desejam traçar outras rotas de (re)existências como existências plurais de múltiplas geografias que reivindicam para si a pertença nas territorialidades dos saberes, das ciências, das artes, dos direitos e dos conhecimentos. E, esses olhares marcam e demarcam as fronteiras entre “eu”, “nós” e as(os) “outras(os)” em tempos e espaços da/na academia e fora dela. Tal como na exposição realizada em 2019, a presente obra é composta de fotografias que se autoinscrevem e escrevem vivências numa profunda conectividade coletiva, experiência cujos efeitos continuam a abalar as relações causais em que passado o tempo de quatro anos da sua montagem, os seus desdobramentos evocam a sinergia da força do aquilombamento numa profunda juntura no mundo a reunir diversas histórias coletivas. E, convidamos a todas, todos e “todes” a este encontro afetivo, sensorial, estético, ético, poético e político que são as “Peles Negras Presentes” no mundo.

9

As autoras

In tro du ção



AQUILOMBAR FOI E É PRECISO

A performance fotográfica *Peles Presentes* foi o meio de expressão artística escolhida para potencializar a visibilidade de pessoas negras no campus universitário, não apenas como uma atividade de extensão abraçada pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB/UFGD) e pela Faculdade de Comunicação, Arte e Letras (FALE) através do Núcleo de Artes Cênicas (NAC), mas também como uma ação política de conscientização racial e de defesa das ações afirmativas. Uma exposição concebida, executada e protagonizada por homens e mulheres negras em tempos de intervenção federal através da imposição da reitora *pro tempore* por um governo ultrarreacionário, que nunca deixou as pessoas negras esquecerem das dores não cicatrizadas, da perda de uma parte de si produzida pelo racismo, incluindo o racismo institucional. Na mesma época, 13 (treze) acadêmicas(os) brancas(os) do curso de medicina, outrora desligadas(os) da UFGD, por denúncias de ocuparem as vagas das escolas públicas destinadas às(aos) estudantes negras(os) foram reintegradas(os) ao curso. Era um período de ameaças ao fim das políticas de cotas, a ação afirmativa que tem garantido a inserção de jovens negras(os), indígenas e pessoas com deficiências nos cursos universitários.

Vale destacar que o NEAB/UFGD foi criado em 03 de agosto de 2007, por meio da Resolução n. 89, do Conselho Universitário, como um órgão suplementar ligado à Reitoria, com objetivo de atuar nas áreas de ensino, pesquisa e extensão por meio da produção e disseminação de conhecimentos referentes às questões étnicas raciais e suas interseccionalidades de gênero, de sexualidades, de etarismos, de aspectos socioeconômicos, etc., sempre vislumbrando o combate e enfrentamento às desigualdades, às discriminações e ao racismo, além de buscar promover a igualdade e a justiça racial. As professoras Cláudia Carvalho e Carla Ávila já faziam parte do NEAB em outras gestões e identificavam a necessidade de articulação *entre-mundos* da branquitude com a negritude do campus, assim sendo foram discutidas inúmeras demandas para o NEAB, dentre elas a presença ativa por meio de intervenções no espaço do campus da unidade II, do núcleo junto ao conjunto de pessoas negras da UFGD, fortalecendo-as no dia a dia universitário. Naquele momento não foi possível

concretizarmos nossas provocações de *Peles Presentes*, por outras diversas urgências, assim tais sonhos ficaram suspensos.

Em 2019, o NEAB passou por um novo ciclo e começou a contar com uma infraestrutura de salas pedagógicas e administrativas no Centro de Convivência da Unidade II (Campus Universitário), fator fundamental para a visibilidade junto às(aos) estudantes das pautas das lutas antirracistas, culminando na indagação: *onde estão as pessoas negras na UFGD?*.

A indagação foi gerada pelas(os) calouras(os)/acadêmicas(os) de graduação, em virtude da invisibilidade por eles percebida em docentes e autoras(es) negras(os), ou em debates implicados na Lei 10.639/03 (Lei que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências) nos cursos de suas faculdades. A procura por respostas e reflexões a essa pergunta transversaliza nossas buscas e questionamentos anteriores, aquilombando-nos, unimos forças entre o NEAB, docentes, discentes e técnicos resultando na realização do Projeto Fotográfico *Peles Presentes*, proposto pelas professoras Carla Ávila (FALE) e Cláudia Carvalho (NEAB/FAED) e, abraçado por todas e todos que participaram na sua efetivação. Inicialmente, seria adotado o estilo artístico de *Lambe-lambe*, em forma de pôster em tamanhos variados e colado nas paredes, nas passarelas, no chão da universidade.

Um fator fundamental para redimensionar a proposta se deve ao fato de a reitoria interventora caracterizá-lo como crime de pichação praticado pelas e pelos organizadores. Mas, a exposição ocorreu com a distribuição das fotos pelos corredores e murais dos caminhos e prédios da universidade. Em meio à alegria do aquilombamento, do movimento de ir e vir das pessoas negras: professoras(es), técnicas(os) administrativas(os) e acadêmicas(os) convidadas(os) que aceitaram serem fotografadas, escondia um outro fator complicador: os custos da montagem da exposição, pois o NEAB/UFGD não dispunha de recursos financeiros para impressão das fotografias e montagens das instalações,

todas as solicitações junto a reitoria neste sentido foram negadas. Ainda assim, as curadoras da exposição seguiam com a proposta, mesmo sem recursos, ambas assumiriam os custos se necessário fosse. Diante de tal situação, a coordenação do NEAB/UFGD solicitou e obteve o apoio financeiro da impressão das 560 fotografias junto ao Sindicato das e dos Docentes da Universidade Federal de Grande Dourados (ADUF), gestão 2019-2020, o qual apoiou a impressão das fotos e participaram ativamente na defesa das políticas de cotas na universidade. Por isso, para aqueles e aquelas que dela participaram, Peles Presentes foi um aquilombamento em forma de arte:

Peles Negras Presentes!

**Entre a diversidade de cores,
traços,
emoções,
e histórias,
a negritude é representada
a partir de olhos de sensibilidade,
que capturaram a arte da nossa existência.
a fotografia,
enquanto registro da vida,
transcreveu a beleza,
e resistência
de corpos negros,
que preteridos em outros lugares,
foram acolhidos,
e contemplados
a partir de olhos de sensibilidade,
que capturaram a arte da nossa existência.
Por vezes,
a sociedade faz parecer
um exercício árduo**

**vestir a pele que se habita,
mas nós seguimos,
inserindo cor e afeto
nos nossos looks
e no vestir
dos nossos traços negróides.
já nascemos trajados de nós
fazer parte do projeto pelas presentes
é compreender que trazemos em nossas peles
um presente da ancestralidade.
nossa existência,
permanência
e representatividade
- na universidade e em todos os outros espaços-
é um ato político.**

Maria Carol Ferreira,
Psicóloga egressa da UFGD
Mestranda em Psicologia na UFMS



A experiência emancipatória é vivida no corpo, pois as resistências e resiliências não são constituídas fora da(o) sujeita(o) que as vive concretamente e isso foi perceptível durante o trabalho de cocriação da exposição, coletivamente fortalecida pela reciprocidade, cooperação, mutualidade, respeito e complementaridade. A exposição fotográfica demonstrou ser a semente da insurgência e rebeldia que só aquelas(es) que estiveram por muito tempo silenciadas(os) e subalternizadas(os) conseguem carregar, uma ação de interesse comum que revela uma ecologia de saberes e de corpos que se recusam a ser, sentir e autorrepresentarem com transcrições de linguagens e termos do opressor, e a arte como estética política configurou como uma forma de construção epistêmica inscrita no corpo, tal como dito... **Peles negras presentes!**

“Como mulher negra e coordenadora do NEAB/UFGD, ter participado do Projeto Peles Presentes, para além do ato de resistências que o projeto representou e representa, para mim é um sinônimo de representatividade e de produção de outras gramáticas emancipatórias do povo negro! Seus efeitos e feitos continuam a produzir memórias de alegrias, aquilombamento e visibilidade da nossa humanidade em status de igualdade, em espaços que por muito tempo tem produzido a cegueira epistemológica daquilo que somos como história, conhecimento, ancestralidade, memória, identidade, civilidade, beleza, estética e arte! Somos e sempre seremos Peles Presentes!”

Dra. Cláudia Cristina Ferreira Carvalho

Coordenadora do NEAB/UFGD – Gestão 2019 –2023

Docente da Faculdade de Educação/FAED/UFGD

Dourados, 30 de julho de 2023.

Capítulo 1



**FOTOGRAFIA A COR(ROMPER) O
COLONIALISMO!**

A racionalidade moderna ocidental assentou a razão monocultural eu-rocêntrica que nega a pluriépistemologia do mundo. Os alertas dos “perigos da história única” (Adichie, 2009) balizam as críticas que orientam os processos de descolonização dos corpos e saberes das peles negras, denunciando as formas sistemáticas de inexistências, silenciamentos e invisibilidades construídas por narrativas que desincorporou a(o) sujeita(o) negra(o) situando-a(o) como um corpo fora de uma consciência, sem história ou memória, transformado em abstrações de um constructo inacabado, descritos como primitivo e selvagem.

Nesse cenário, parece certo reconhecer que os processos de (des)colonizar é uma proposta de alteração do mundo moderno ocidental, um processo histórico inscrito no corpo e nas lutas que dão formas aos seus conteúdos, porque, como estrutura, o colonialismo resulta de duas forças congenitamente antagônicas tecidas por segregações, violências e apropriações. Tal como a face de Janus, a sociedade brasileira espelha de um lado, o poder, ou seja, aqueles que definem assimetrias, presos a privilégios e que se recusam a reconhecer e garantir às(aos) colonizadas(os) a construção de sua humanidade. E, do outro lado, a face daquelas(es) que sofrem historicamente os efeitos da sua desumanização produzida pela exploração econômica colonial. Uma face dual em que as riquezas de uns tem sido a fome de outras(os).

A ruptura com tais assimetrias implica em reconhecer que a linha de cor, tem sido a face de Janus regulada por abismos de apartheid social racial, a linha que criou fronteiras de desigualdades e sustentam as relações históricas estabelecidas entre o colonizador e as(os) colonizadas(os). A linha abissal que alimenta a ideia da humanidade da branquitude como o princípio da (des) humanidade de outras(os), especialmente negras e negros, indígenas, africanas(os), imigrantes empobrecidos, mulheres, religiosos não cristãos, quilombolas, sujeitas(os) das periferias das cidades, etc. A dor do povo negro tem sido o fundamento do mundo moderno, além disso, a ideia de animalização dos corpos negros tem justificado toda violência que se coloca sobre ele. Tal matriz colonial tem criado e mantido a cegueira epistemológica e identitária em que o colonizador expresso na “branquitude acrílica” (Cardoso, 2022) é colocado

como um sujeito universal, sendo sua presença percebida nos livros, no cinema, nas artes, na história, na estética, ou melhor dito, em todos os domínios da vida. Essa identidade civilizatória foi transformada em autorrepresentação do mundo, mas não tem sido o registro da história dos territórios, corpos, países, etnias, culturas que espoliou, pilhou, exterminou, saqueou e escravizou para manter os privilégios de seus grupos, ao tempo em que, os corpos negros e as subjetividades que os caracterizam, estiveram sub-representados nas páginas amarelas da modernidade ocidental.

O mundo colonial tem sido o mundo compartimentado, feito de partilhas desiguais por um macabro rito sacrificial que faz do colonizador num caráter totalitário em que a linha de cor é a fronteira do *apartheid* social racial, um lugar em que as pessoas negras passam a habitar, não apenas como um ser-segregado, mas também constituído como um tipo de humanidade concebida como espécie de quinta essência do mal. Uma linha de cor que sustenta as assimetrias entre o colonizador (sociabilidades metropolitanas) e as(os) colonizadas(os) (sociabilidades coloniais). E é nesse cenário de luzes e sombras, que a consciência negra passa a ser uma consciência corrompida pela crença na falsa democratização racial, pela política estrutural do racismo e pela coisificação do povo negro.

Igualmente, a superação do caráter traumático da colonização exige a construção de complexos atos de libertação descolonizadora das relações de interdependência que há entre o colonizador e o colonizado(a). E, isso só é possível pela interpelação profunda das percepções e representações imperialistas, racistas e sexistas presente nas mentalidades, instituições e sociedades dominadas internamente pelo colonialismo. Ignorar os efeitos por elas produzidos é potencializar a instrumentalização da continuidade da conquista colonial e negação da verdade de quem esteve colonizada(o), de como o humano tem sido distintivamente pensado e reconhecido, seja na ordem física, material ou simbólica.

Se a branquitude é uma geopolítica de privilégios e hegemonia, um lugar que revela a dificuldade em manter relações não hierárquicas, ou de não subalternidade entre não brancos, a Exposição Performática de Fotografias Peles Presentes e, que agora se torna livro, é a proposta de [COR]romper os falsos universalismos, as abstrações que desincorpora os sujeitos afrodescendentes, as assimetrias produzidas pelo racismo e o sexismo como instrumentos de conquistas e da negação da verdade. Porque, o olhar é um ato político. Ver é ser visto, olhar e ser olhado, não se reduz a uma ação fisiológica, configura complexos atos políticos de quem reivindica para si o poder de nominar o mundo! A sombra no ato de olhar esconde o direito de ser igual ao outro para quem se olha, denunciando a ambivalência não dialética da alteridade desigual entre sujeitos.

Quando se pensa no ato de olhar em sociedades escravocratas, o direito de olhar fixo era uma prerrogativa dos homens brancos, senhores de escravizados, enquanto que para as escravizadas e os escravizados, o ato de olhar fixo para um não negro, ressoava um direto em igualdade, todavia, era considerado uma insolência, uma confrontação à dominação autoritária dos(as) brancos(as)! Ver e ser visto estava fora de qualquer possibilidade equitativa no interior de um sistema de dominação através do corpo! Mas, pensar a [COR]romper tais lógicas têm sido um exercício diário, tal como se presentifica no relato que segue:

“Meu nome é Vagner Almeida dos Santos, sou bacharel em biblioteconomia e servidor público da Universidade Federal da Grande Dourados [UFGD] no cargo de bibliotecário. Participei, sim, de “Peles Presentes” nesta universidade no ano de 2019. O afetuoso projeto aproveitou bem o potencial que a fotografia oferece. Expôs com destaque, a representação imagética da pessoa negra nos corredores da UFGD. “Peles Presentes” resgata a resistência de uma comunidade invisibilizada e enaltece atributos que o racismo sempre quis apagar. A exposição fotográfica de alguns daqueles quase sempre ausentes clama pela equidade racial nos espaços do conhecimento sem nenhuma palavra. Reafirma que a universidade brasileira precisa ser enegrecida da sua concepção à matriz curricular. A silenciosa invisibilidade dos corpos e do pensamento negro nas salas de aulas, nos laboratórios, nas bibliotecas e nos corredores deve ter contrastado com a ousada e necessária exposição proposta pelo projeto “Peles Presentes” nas dependências desta universidade, eu acredito! Vamos combinar, duvido ter passado alguém desapercibido! Agora me vem à mente, queria ter registrado fotografias flagrantes de quem testemunhava fotografias resilientes da negritude.”

Vagner Almeida dos Santos,
 Bacharel em Biblioteconomia
 Servidor público da Universidade Federal da Grande
 Dourados [UFGD]



Vagner Almeida dos Santos
Bibliotecário – CSB/UFGD



As palavras de Vagner A. dos Santos expressam como a performance fotográfica, numa reconfiguração de outras rotas de enunciados de “negras e negros positivadas[os]”, nos termos de Aimé Ceisaré [1971], interpelam o estatuto de quem olha e é visto, representa/ou um construtor histórico de lutas ancestrais que reivindicam para si a pertença nas territorialidades dos saberes, do conhecimento, das ciências, das artes e da justiça social, pronunciando as palavras em seus próprios termos e em condição de igualdade. Escrivências fotográficas que convidaram e convidam a um encontro afetivo e sensorial, reunido no enviesamento dos olhares, no desejo dos corpos-negros de traçarem outras rotas de (RE)existências, em contraposição à crise da humanidade produzida pelo tráfico transatlântico, carregaram uma junção de estética-ética situada entre a criação artística e a reflexão conceitual e política.

Por isso, enunciamos:

Pele: substantivo feminino.

Órgão que recobre o corpo do homem e dos animais vertebrados, composto pela epiderme, camada superficial com função protetora, e pela derme, muitas vezes desdobrada numa hipoderme, que possui numerosas funções (tato, excreção, regulação térmica).

Couro destacado do corpo do animal: pele de raposa.

Parte exterior que recobre um fruto ou legume; casca: pele de kiwi.

[Figurado] Pessoa em questão: ninguém defendeu minha pele!²

² Dicionário On-line de Português, disponível em <https://www.dicio.com.br/pele/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

Falar da performatividade artística de Peles Presentes é refletir sobre a performatividade da pele na nossa vida e também em nosso dia a dia, somos cobertos pela pele e ela também é nosso principal órgão do sentido para o tato. Por meio dela, a epiderme (camada da pele mais superficial relativamente fina e ao mesmo tempo resistente) percebe a forma e as dimensões de um corpo, a temperatura, a pressão e realiza a liberação das transpirações do corpo o reequilibrando termicamente.

Para além da cor, a pele é nosso sensor de prazer e dor e é nela que estão inscritos e lidos nossas culturas, povos, linguagens e interpretações do mundo. A pele, esse papiro/tecido cartografa as memórias, os tombos da infância, a marca da vacina, o corte afiado da faca, as tatuagens, o arranhão do gato, a mordida do cão.

As Peles Presentes tornam real as polifonias “corpográficas” existentes nas cores das peles pretas, nas noções de que essas peles/corpos nos remetem às histórias vividas dos corpos multicoloridos emblematicamente expostos em preto e branco.

Pele é marcador. Na performance fotográfica de Peles Presentes, pelo poder transformador da Arte, vimos os corpos *povoados de gentes* que trazem as peles pretas de nossa UFGD e presentificamos as peles ancestrais em nossas camadas de peles e epidermes. Nesse deslocar de corpos, de peles e imagens pelo campus durante a exposição, experimentamos um campo estético relacional de existências, territórios e corpos/peles pretas que agem insurgentes, articuladoras de mundos possíveis, como nos ensina Ingold [2019, p. 71], “certos de que [...] a Arte desperta nossos sentidos, permitindo que o conhecimento cresça de dentro do ser, no desenrolar da vida [...]”.

Fanon [2008], em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, conclui que a luta do negro contra o racismo e o colonialismo é pela conquista do reconhecimento de sua essência humana, e não de uma suposta essência negra: o branco deve reconhecer a humanidade do negro. Deve haver um reconhecimento recíproco entre os diferentes grupos humanos. O autor pede que nos consideremos

a partir do desejo, da existência humana, afastando para além da coisificação, e exige, ainda, que levemos em consideração a atividade negadora, na medida que ele luta pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de re-conhecimentos recíprocos.

Na exposição fotográfica concebida, produzida e efetivada no mote do *ubuntu*, as fotos das peles negras espalhadas pelo campus desestabilizavam, provocavam, causavam espanto, talvez incomodassem alguns, talvez inspirassem a tantas outras pessoas, mas acima de tudo nos desafiava a ver, a desvelar mundos, [re]conhecimentos recíprocos, ancestrais, que nos sussurravam: *quem defendeu minha pele?!*

**“A arte não
reproduz o
visível,
mas torna
visível”.**

(Klee, 2001).



À FLOR

“São muitos que habitam essa vida, somos povoamentos de gentes. À flor da pele apresentamos a cor da pele e vivemos na pele a luta marcada na pele debaixo do sol. Peles que impelem! Resistiremos... [Re]existir”.

Carla Cristina Oliveira de Ávila
Docente do curso de Artes Cênicas
FALE/UFGD

DA PELE



Capítulo 2

**ESCREVIVÊNCIAS FOTOGRÁFICAS
AUTOBIOGRÁFICAS**

OS DIFERENTES ENUNCIADOS E ANUNCIAÇÃO DE NEGRAS E NEGROS

Quando pensamos nas fotografias que circulam socialmente, parece certo afirmar que, quando se trata da representatividade imagética da “negritude” (Césaire, 2010), elas têm sido a história da presença ausente, ou quando muito, representações do olhar do *outro* não negro que as caracterizam como expressões da subalternidade, esteriótipos racializados, ou ainda, uma tecnologia do poder posta a serviço da sub-humanidade das pessoas negras, em detrimento da ideia civilizatória da santidade dos corpos brancos, como bem dito por Aimé Césaire (2008) que a civilização moderna ocidental é até a medula dos ossos, centrada na ideia de negro bárbaro como uma invenção europeia.

Por isso, reafirmamos que:

Peles presentes é... perceber o outro.

Ser negro é... ser humano.

Ser mulher negra é... ser protagonista na luta por uma sociedade mais igualitária.

Estar na universidade é... ter a oportunidade para fazer escolhas na vida.

Racismo é... ferida que dói.

Superação como pessoa negra é... ocupar lugares hegemonicamente brancos.

Elizângela de Souza Bernardes Campos

Mestra em Sociologia
Técnica Administrativa da UFGD



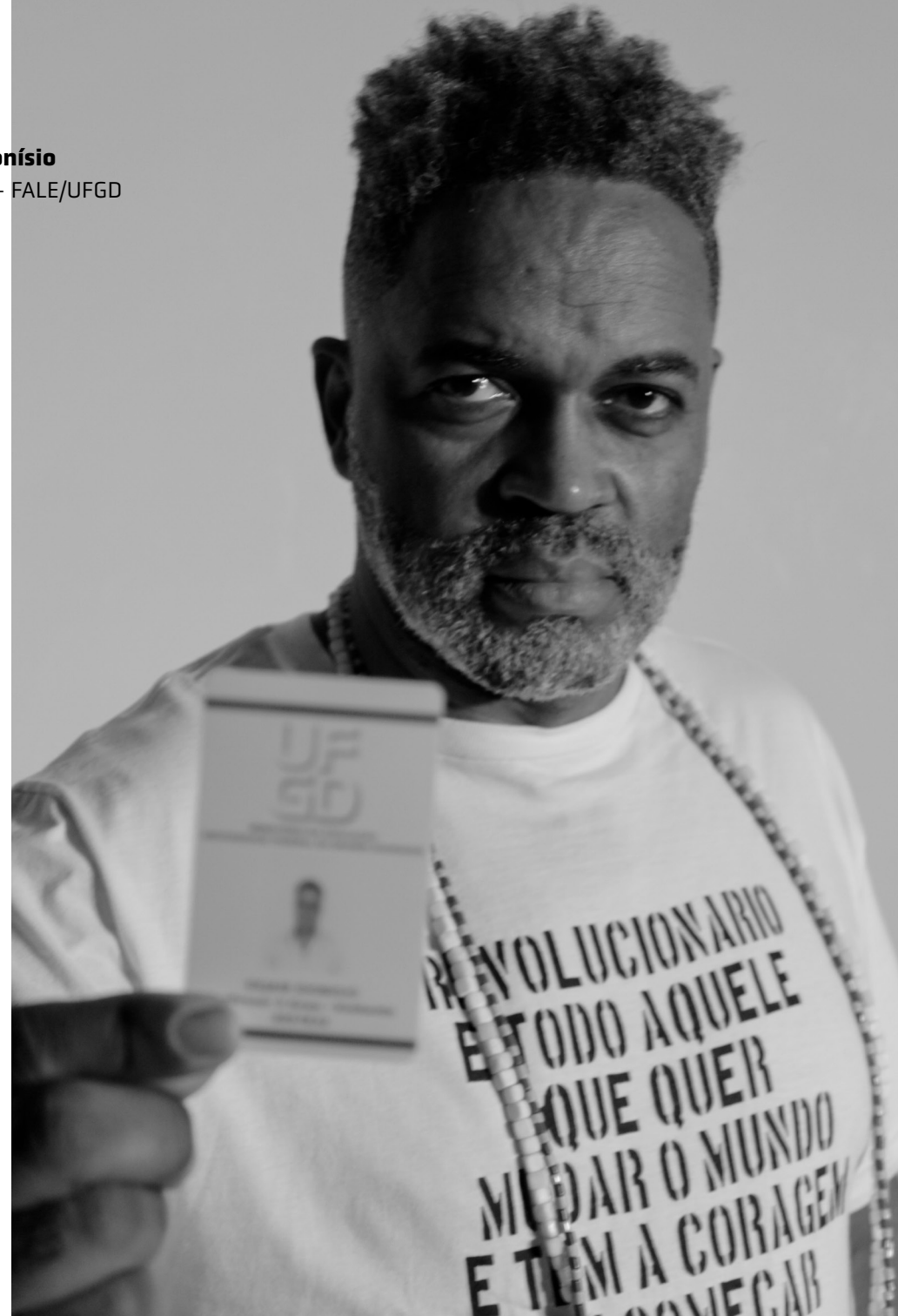


Guilherme Oliveira Silva

Mestre em Fronteiras e Direitos Humanos
FADIR/UFGD

Dejair Esuynká Dionísio

Prof. Dr. em Letras – FALE/UFGD





Edilson Osmar dos Santos Baessa
Mestrando em Gestão Ambiental – UFGD



Felipe Gabriel de Angelo Batista
Graduando em Psicologia – FCH/UFGD



Peles presentes é... símbolo de uma conquista.

Ser um homem negro é... provar a todos que é capaz e não um objeto sexual ou de trabalho.

Estar na universidade é... uma conquista.

Racismo é... crime e não uma opinião.

Superação como pessoal negra é... um processo complicado mas, a gente consegue, quando percebe depois que o problema não era eu.

Apache Ansunda C6

Acadêmico do curso de Agronomia

Numa perspectiva política de corpos que se recusa a meras representações objetivas, as fotografias da Exposição Peles Presentes são imagens que podem ser interpretadas como algo da representação de uma linguagem, mas foi também e continua sendo um movimento político, pedagógico, artístico e epistemológico. É político-artístico porque demarcou um movimento de luta por justiça sócio-racial; pedagógico, porque potencializou uma crítica radical às hierarquias assimétricas raciais, educando a *todes* que com ela interagem; epistemológicas, pois seus efeitos refletem na produção de conhecimentos que colocam abaixo o eurocentrismo da branquitude como os únicos saberes científicos que circulam na academia.

Ana Paula Carvalho Batista

Graduanda em Biotecnologia – UFGD

Wellington Lopes de Carvalho

Graduando em Nutrição – UFGD



Geovani Urder de Andrade
Técnico Administrativo – ESAI/UFGD



Samuel dos Santos de Paula
Graduando em Economia – UFGD



A EXPERIÊNCIA ALÉM DAS FOTOGRAFIAS...

“A experiência do projeto Peles Presentes foi além das fotografias expostas pelo campus da UFGD. Foi uma jornada de autoconhecimento, representatividade e celebração das identidades negras no contexto acadêmico. Para os participantes, foi uma oportunidade única de se sentirem vistos, reconhecidos e valorizados dentro de uma universidade onde a presença negra era muitas vezes escassa ou invisibilizada.

A exposição foi um catalisador para a construção de uma nova consciência coletiva sobre a importância da diversidade étnica e da valorização das diferentes trajetórias de vida. Ela trouxe à tona a reflexão sobre a ausência de representatividade negra no ensino superior e, ao mesmo tempo, instigou a comunidade acadêmica a repensar seus espaços e práticas, de forma crítica.

Ao mostrar as Peles Presentes, o projeto cativou não apenas pela beleza das fotografias, mas pela força das histórias por trás de cada rosto retratado. Cada representação revela experiências pessoais, lutas e conquistas que até então eram pouco conhecidas e compreendidas nesses espaços de maneira tão incisiva.

A proposta do projeto tinha um objetivo que ia além de uma mera exposição fotográfica. A ideia busca tocar o íntimo de cada participante e espectador, sensibilizando o olhar e convidando-os a refletir sobre sua própria posição no mundo e as formas como reconhecem e interagem uns com os outros. A universidade, por sua vez, foi desafiada a

repensar suas estruturas e práticas acadêmicas, visando tornar-se um espaço mais inclusivo e acolhedor para todos os grupos étnicos e culturais.

Os atravessamentos surgentes a partir do projeto foram profundos e precursores de novos propósitos. O Peles Presentes foi capaz de gerar diálogos enriquecedores entre os estudantes, professores e funcionários da UFGD. Além disso, a exposição ecoou para além dos muros da universidade, alcançando a comunidade local e despertando reflexões sobre o papel da representatividade e diversidade na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O Peles Presentes registra essas vivências e emoções, eternizando essa experiência transformadora que marcou a história da UFGD. O trabalho está repleto de relatos inspiradores, que testemunham como a exposição fotográfica se tornou um marco para o movimento negro na universidade e um convite à reflexão para toda a sociedade. As palavras e as mostras fotográficas presentes no projeto nos lembram com poder e sensibilidade de que a arte, a representatividade e a união de vozes têm o potencial de gerar mudanças profundas e duradouras.”

Dérick Luís de Moraes Conceição

23 anos, mineiro de Ibiá-MG, acadêmico do curso de Psicologia – UFGD.
Dourados, 28 de julho de 2023.



As escrituras aqui pronunciadas, testemunham os efeitos da exposição impressa nas subjetividades daqueles e daquelas que participaram do projeto. Porque, se outrora, a ciência e a universidade, como espaço de circulação do saber científico, configuraram sinistros silêncios ao emitirem uma alteridade arcaica colonial, hodiernamente, a exposição corrompeu tal lógica do triunfalismo imperial, cujo eco é prenhe de memórias e histórias das pessoas negras, reconstruídas em silêncios que transformam a contemporaneidade. Ecoa, como dito por Bhabha (2005, p. 178), “[...] à medida que um silêncio estranhamente repete o outro, o signo da identidade e da realidade encontrado na obra do império é lentamente desfeito”, isto porque...

Peles presentes é... a existência afro em forma de arte.

Ser homem negro é... perfeição, porque não nos é permitido errar.

Estar na universidade é... normal, talvez por ter exemplo na família, estar na universidade e encerrar o ciclo da minha educação, sempre tive isso em mente desde de criança.

Racismo é... a herança dos descendentes de escravizados que os descendentes de escravizadores fazem questão de pagar.

Superação é... como pessoa negra é nunca ter me visto como inferior ou menos capaz que ninguém.

Wellington Lopes de Carvalho
Bacharel em Nutrição – UFGD.



Wellington Lopes de Carvalho
Graduando em Nutrição – UFGD



Maurício da Silva Figueiredo

Técnico em Tecnologia da Informação
Centro de Seleção/UFGD

Cleverton do Carmo Arruda

Graduando em Psicologia – FCH/UFGD (Fotógrafo)



Alfa Oumar Diallo

Prof. Dr. e Diretor da FADIR/UFGD

Reille Cristóvão da Cunha

Graduando em Direito – FADIR/UFGD





Reinaldo dos Santos
Prof. Dr. de Sociologia – FAED/UFGD



Benedith Gregory Araujo Okpara
Graduando em Letras – FALE/UFGD



Leandro da Silva Oliveira
Graduando em Letras – FALE/UFGD



Samuel dos Santos de Paula
Graduando em Economia – UFGD



Mateus Vinicius Teles Lima

Graduando em Ciências Biológicas – UFGD



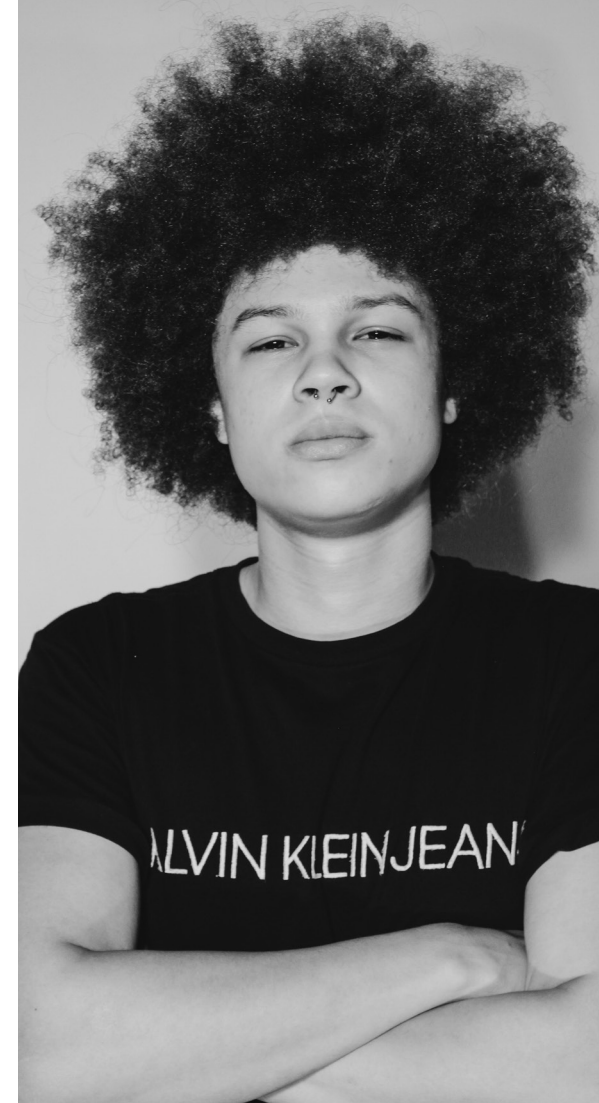
Victor Albuquerque Felix da Silva

Graduando em Relações Internacionais
FADIR/UFGD



Sebastião Henrique Silva Cruz

Graduando em Geografia – FCH/UFGD



Yan Lucas de Lima Rufino

Graduando em Relações Internacionais
FADIR/UFGD

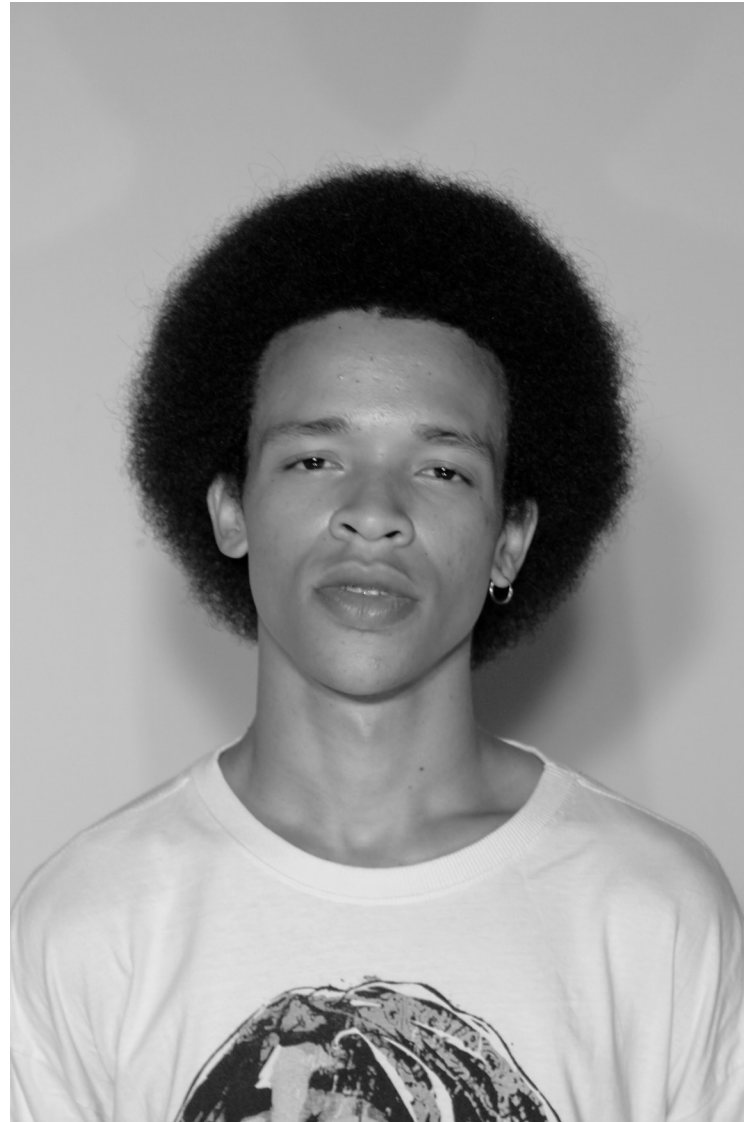


Jean Kenold Dorce

Graduando de Engenharia Mecânica – UFGD

Wagner Farias Torres

Mestre em Educação e Territorialidades
FAIND/UFGD



Vitor Dantas de Almeida

Graduando em Geografia – FCH/UFGD



Yan Lucas de Lima Rufino

Graduando em Relações Internacionais – FADIR/UFGD



Dérick Luís de Moraes Conceição
Graduando em Psicologia – FCH/UFGD



Thales Albano de Sousa Pimenta
Programador Visual e Assessor de Comunicação Social – Reitoria/UFGD



Peles Presentes! Um ensaio de vida!

“Participar do Peles Presentes pra mim foi uma experiência maravilhosa e ao mesmo tempo um desafio, pois nunca participei de um ensaio fotográfico. Estar em evidência, ser o centro das atenções foi algo desafiador. Hoje já lido um pouco melhor com isso, mas compreendo que isso, com certeza, é consequência do racismo que sofremos em nossas vidas. Enquanto técnica nesta instituição, observo que somos na maioria das vezes invisibilizadas, nosso trabalho não tem o mesmo reconhecimento que de uma pessoa branca, e já passei por situações em que você é questionada, se está correto o que está fazendo, se é assim que se executa tal função. Percebo que deve ser difícil para algumas pessoas (brancas) ver que você não está em uma função subalternizada, lugares que a sociedade insiste em te colocar. Como mulher negra, os desafios dentro da instituição são muitos, mas permanecemos aqui! Peles Presentes veio mostrar que somos muitos/as em várias funções administrativas, veio exaltar pessoas negras que trabalham como técnicos/as, que não deixam a engrenagem desta universidade parar. Expôs pelos corredores da UFGD pessoas trabalhadoras, que existem e resistem neste lugar, são formadas, capacitadas para estar onde estão e que, se assim desejarem, podem avançar para outros cargos.”

Luci Ana Lima Souza

Mestra em Sociologia – UFGD
Técnica de Laboratório – FALE/UFGD



Paola Cristina Febronia da Silva
Graduanda em Psicologia – FCH/UFGD



Reille Cristóvão da Cunha
Graduando em Direito – UFGD



Carta de Reflexão

“A intervenção fotográfica intitulada Peles Presentes representa um dos momentos mais significativos e marcantes em minha trajetória acadêmica. Esse evento ganhou grande relevância, pois permitiu articular uma iniciativa verdadeiramente fundamentada no conceito de “nós por nós”, ideal que Emicida vem cultivando há mais de uma década.

O projeto surgiu a partir da percepção da ausência de representatividade de personalidades negras no campo da Psicologia, o que tornou a reflexão sobre a presença de pessoas negras na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) cada vez mais emblemática. Como fotógrafo responsável pela intervenção, assumi uma grande responsabilidade ao registrar e captar a subjetividade de cada participante. Foi a primeira vez que me deparei com a maioria deles, tornando esse encontro carregado de importância.

Ao longo do processo fotográfico, busquei criar um ambiente em que todos se sentissem confortáveis e estimulados a refletir sobre suas experiências e como o mundo os enxerga. Para alcançar esse objetivo, formulei perguntas que os convidam a refletir não apenas sobre si mesmos, mas também sobre suas percepções externas. Essa abordagem gerou autorreflexões que pude capturar com minha câmera e, ao longo do tempo, minha presença e a câmera se tornaram naturais aos olhos dos participantes.

Entre as diversas sessões, a experiência que mais me impactou foi a da Amanda Pessoa, que inicialmente des-

conhecia a existência do projeto, mas foi indicada por seus amigos para participar. Ela entrou na sala de produção com seu recém-nascido nos braços e compartilhou sua história de levar seu filho para a faculdade, pois ele precisava de seus cuidados e ela estava na fase final da sua graduação.

Após as sessões fotográficas, coube a mim a tarefa de editar as fotografias, uma vez que nosso tempo era limitado e eu precisava selecionar apenas três ou quatro fotos de cada participante para compor a intervenção fotográfica. Essa etapa foi um desafio intenso, mas também gratificante, pois confirmou que o projeto estava tomando forma e prestes a ser apresentado ao mundo.

Com as fotografias selecionadas e impressas, a montagem da exposição foi realizada com o auxílio de um mutirão de integrantes e apoiadores do projeto em um domingo. Foi nesse momento que percebi que nossa iniciativa era realmente uma revolução, e a escolha das rotas e a ordem das fotografias foram feitas cuidadosamente para construir uma narrativa subjetiva em cada uma delas.

O primeiro dia da intervenção foi um momento mágico, ao testemunhar os estudantes de toda a universidade se deparando com a exposição fotográfica e demonstrando nitidamente o estranhamento em seus rostos. A proposta de realizar primeiro a intervenção e depois promover um encontro para debater as temáticas abordadas mostrou-se acertada.

O projeto Peles Presentes continua a ser um catalisador de inúmeras discussões na universidade, levando em consideração as vozes e posições das pessoas negras dentro da UFGD. Essa intervenção representa, acima de tudo,

um poderoso mecanismo de resistência contra a “invisibilização” da negritude na academia e, ao mesmo tempo, reflete sobre sua inacessibilidade. O impacto alcançado mostra que nossa iniciativa foi bem-sucedida em provocar uma reflexão profunda e necessária sobre a diversidade e a representatividade na academia.”

Cleverton do Carmo Arruda

Estudante de Psicologia da UFGD
Fotógrafo do projeto Peles Presentes.
Dourados, 28 de julho de 2023.

Tal como o sociólogo afro-americano Du Bois (2021) procurou esboçar, há um estranho significado de ser negro no mundo herdeiro do colonialismo, o negro é “uma espécie de sétimo filho, nascido de um véu”, “duas almas” num mundo em que não foi permitido a ele ter consciência de si, de ver a si mesmo, pois sua condição ontológica tem sido medida pela régua de um mundo que se diverte em tratá-lo com desprezo. Num jogo de luzes e sombras, um mundo erguido por imagens, narrativas e experiências disfuncionais nutridas da ambivalência e hibridização entre o colonizador (branquitude) e o(a) outro(a) colonizado(a) (a negritude), o vínculo que se constrói é, ao mesmo tempo, interdependente e dialeticamente destrutivo, disfuncional e desfigurado, porque os primeiros não oferecem aos segundos nem alteridade, tão pouco reconhecimento.

Por isso, reafirmamos a força das imagens da presença como pertença, expressa no espaço universitário. É uma estratégia vigorosa que faz uso do silêncio como resistência, subvertendo os múltiplos silenciamentos a que foram colocados(as) os negros e as negras no passado e presente colonial. Ser negros e negras nas universidades, diz muito acerca do longo caminho percorrido por homens e mulheres, nas lutas de reafirmação da sua humanidade, corrompendo as imagens de selvageria, criminalidade, delinquência e residual a que foram postos.

“Eu fiquei bem feliz quando soube desse projeto, porque, como negros, estamos *invisibilizados* em alguns lugares. Então, no momento em que este projeto veio e me falaram sobre ele, eu aceitei participar automaticamente. Eu achei uma experiência bacana e acho que poderia continuar esse projeto. Ser negro na universidade é ser olhado como um ser extraterrestre, porque alguns acham que esse meio universitário não pertence ao negro e não pode ser um lugar de negro, então isso tem que ser combatido. A gente faz parte da sociedade brasileira e tem que participar efetivamente desse meio acadêmico. Nós, os negros, somos minoria no meio acadêmico, no meio universitário, mas temos que lutar para aumentar isso. E as conquistas... a gente merece essas conquistas! Porque, geralmente, na mídia o negro é visto só nas páginas policiais, e não é só isso. Há quadros negros, em todos os sentidos, que precisam ser visibilizados, não só colocar na página policial os negros, eu acho que essa é uma luta que a gente precisa fazer para ser visibilizados e mostrar a nossa importância tanto no meio acadêmico quanto fora do meio acadêmico.”

Dr. Alfa Diallo,

Docente da Faculdade de Direito e Relações
Internacionais/FADIR/UFGD.
Dourados, 20 de maio de 2022.





A participação feminina na exposição reflete os alertas de Bell Hooks (2019, p. 57), quando afirma que “ao olharmos e nos vemos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa

história como contramemória usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”. É essa tentativa de (re)inventar um mundo para si que as participantes da exposição reivindicaram com seus cabelos crespos e suas peles negras... porque...

Ser uma mulher negra é... aceitar sua existência, para que os outros te aceitem, muitos não puderam exercer esse direito.

Peles presentes é... presença, estar preenchendo seu espaço, independente do olhar e julgamento do outro, naturalizar.

Estar na universidade é... carregar seu troféu e medalha todos os dias.

Racismo é... desumanidade, dilaceração, ferida na alma e no coração. É preciso ser forte, resistir e persistir, e virá a cura.

Superação como pessoa negra é... poder estar e frequentar qualquer lugar e não surpreender ou chocar com sua presença. Não ser confundida sempre, ter o mesmo tratamento de qualquer outro convidado, independente da cor da pele. Não ser apenas uma estátua presente. Superação da pessoa negra é resistir cada dia, cada conquista, agarrar a cada direito, por menor que seja, para existir e não desistir. Usar das correntes do passado, para laçar o futuro de nossas gerações.

Elessandra Farias
Servidora da PROGRAD/UFGD



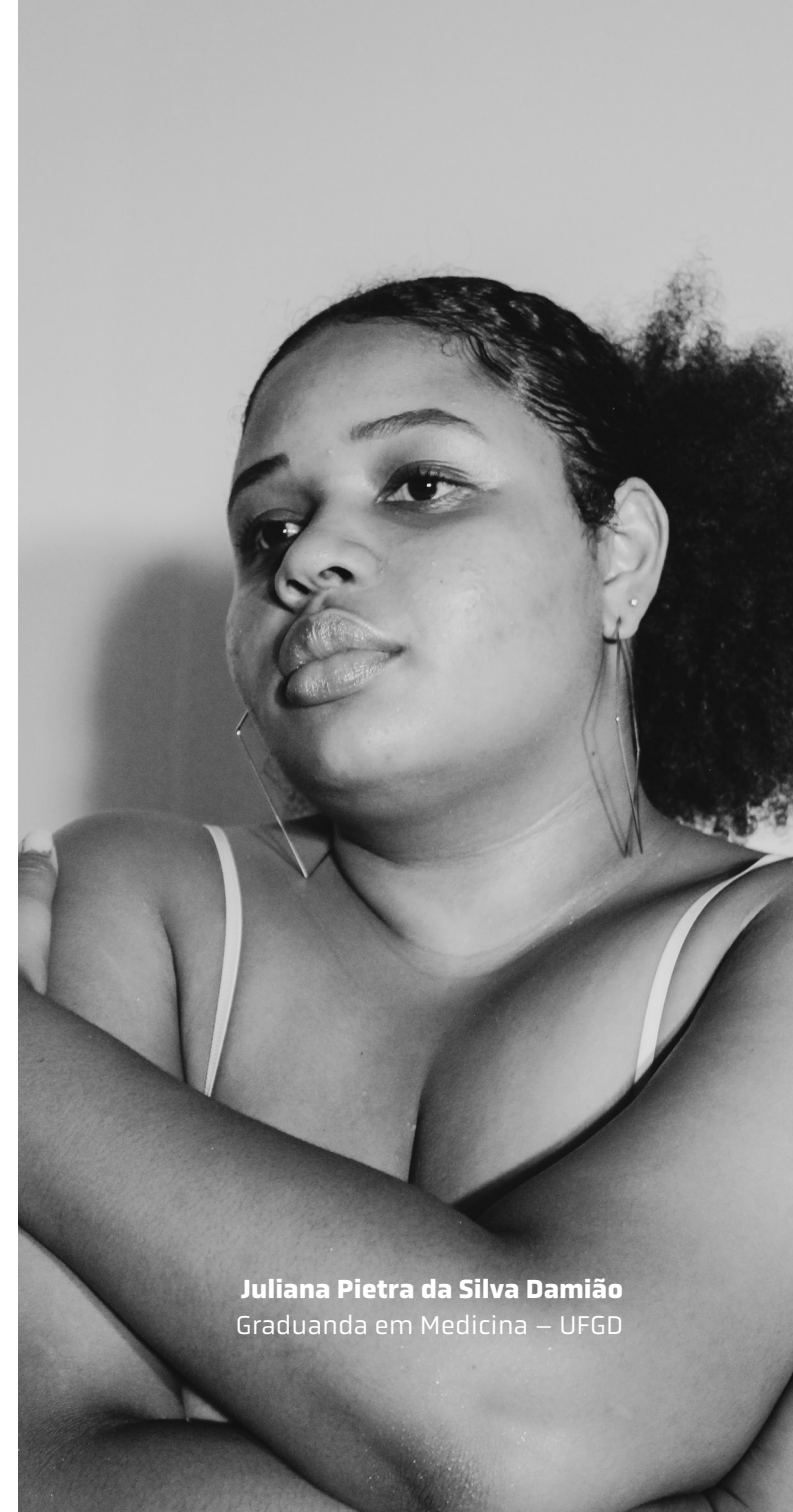
Letícia dos Santos Correa

Graduanda em Ciências Sociais – FCH/UFGD



Cristiane Silva de Lima Almeida

Graduanda em Letras – FALE/UFGD



Juliana Pietra da Silva Damião

Graduanda em Medicina – UFGD



“Participar do Projeto Peles Negras Presentes foi importante por tornar visível os negros (que aceitaram participar) que circulam por diferentes espaços dentro da universidade, sejam eles técnicos, estudantes, docentes ou profissionais terceirizados. E o mais importante não é apenas se mostrar negros e negras, mas as ações como essas possibilitam que nós negras possamos cada vez mais nos enxergar como somos: negros (pretos e pardos) e, levar outros negros e negras a fazerem o mesmo e não nos escondermos nesses ambientes. Identificar-se como pertencente a um grupo étnico é algo muitas vezes difícil, às vezes passa por um processo de negação construído e/ou imposto pelo olhar do outro. Precisamos nos olharmos mais, mostrar a nossa cara/rostos, nossos lábios com e sem cor, nossos cabelos crespos, nossos blacks, nossas tranças e nossos turbantes em diferentes espaços e, claro, também na universidade. E, isso é representatividade.

Eu fiquei apaixonada, deslumbradíssima, quando vi as fotos, e saber que aquelas fotos iriam para os corredores da UFGD, ah (espanto) meu Deus! Como seriam a cara dos nossos colegas, dos nossos amigos, nossos professores ao ver as nossas fotos nos corredores, todos os dias no período? Acho que ficou uns 30 dias. Foi incrível, eu recebi tantos elogios, eu tenho certeza que meus amigos também. A experiência foi incrível, saber que a gente, assim, está tomando lugar no espaço. Que a gente fale “olha eu tô aqui, esse é meu lugar!”.

Maria de Lurdes dos Santos

Dra. Sociologia, docente da FAED/UFGD
Dourados, 15 de maio de 2022.



Experiência Peles Presentes

“O Peles Presentes me possibilitou a pensar sobre a minha negritude e meu espaço dentro do cenário acadêmico. Para além disso, sensibilizou-me a refletir quantas outras pessoas negras não tiveram a oportunidade de estar numa universidade pública e, ainda, como a sociedade produz o apagamento das pessoas negras. Enquanto mulher negra, ocupando um espaço que foi a muito nos negados, enxergo o Peles Presentes como uma manifestação de visibilizar a presença de homens e mulheres negros. A experiência de ser fotografada, de marcar presença na universidade foi um ato de potência para mim. Durante o processo de construção do projeto me convidei a olhar para o meu curso de Psicologia e pensar nas vivências, ausências, valorização, trajetos e força da negritude.”

Marina de Sousa Carvalho

Acadêmica do curso de Psicologia da UFGD
Dourados, 02 de agosto de 2023.



Peles Presentes é emoção!

“Ter participado de Peles Presentes foi emocionante. Algo que atravessou, que marcou minha trajetória e ainda hoje me atravessa. Na época eu estava com o meu filho Caetano, novinho nos braços, estava tentando me entender [naquele momento estava com depressão pós-parto, pois havia sofrido violência obstétrica] como mulher recém-parida no espaço acadêmico: mulher negra, mulher mãe e mulher mãe de uma criança negra. Quando você é mulher negra, tem noção dos marcadores que atravessam seu corpo ao vivenciar o racismo na prática, e que são doloridos — é importante que você busque forças para superar as adversidades e alcançar seus objetivos, mesmo que não seja tarefa simples. É importante que você lute por uma sociedade mais justa e livre do racismo. Estar na universidade, principalmente na universidade pública, é uma responsabilidade imensa. Pois, sabemos que até bem pouco tempo atrás esse espaço era um espaço majoritariamente branco. Eu precisei modificar minha vida...

Vim embora de Dourados para São Paulo durante a pandemia. Na UFGD cursei mestrado em Sociologia e graduação em História e também em Artes Cênicas. Em Artes Cênicas, falta pouquíssimo para colar grau [todas as dores fizeram com que eu retornasse para o interior de São Paulo, por conta da rede de apoio e do tratamento]. Essa foto me dá uma força imensa, meu filho tinha meses e hoje ele tem 4 anos. Devo colar grau esse ano em Artes Cênicas, quero meu filho lá na cerimônia comigo. Quero que ele saiba que eu não desisti e, assim como na foto

de Peles Presentes, que nós nascemos para protagonizar papéis, alcançar espaços na sociedade e realizar sonhos, ainda que o racismo tente nos dizer que não.”

Amanda Sena Peres Pessoa

Acadêmica de Artes Cênicas
Mestra em Sociologia/UFGD
Dourados, 29 de julho de 2023.

A divisão racial-sexual do trabalho, gestado nas condições escravocratas, institucionalizou o sexismo como par do racismo. Essas são duas forças opressoras que caminham de mãos dadas, seja como ordem social, política, cultural ou econômica. As configurações de classe, raça, gênero, sexualidades operam de modo interconectado como sistema de opressão e produção de desigualdades.

E isso também é perceptível nas representações imagéticas estereotipadas pelo racial-sexista presente nas diversas linguagens (verbal e não verbal). Se a raça influencia na construção de imaginários implicados na relação do olhar, o sexismo corrobora na construção das percepções das mulheres negras como um espelho de segunda mão, naturalizado pela violência simbólica que normaliza a branquitude eurocentrada como padrão de beleza universal.

Assim como no patriarcado associado aos processos coloniais, o ato de olhar pelo viés do homem (branco), que olha e vê a si mesmo, faz o espectador ser radicalmente diferente das mulheres e isso tem uma diferença ainda maior quando se trata de mulheres negras.





Beatriz dos Santos

Graduanda em Engenharia Civil – UFGD
Estagiária – NEAB/UFGD (2018-2020)



Claudia Cristina Ferreira Carvalho

Profa. Dra. em Educação, docente na FAED/UFGD
Coordenadora do NEAB/UFGD (2019-2023)



Josimary Batista Mariano Ramires
Aluna especial do mestrado em Educação
FAED/UFGD



Marina de Sousa Carvalho
Graduanda em Psicologia – FCH/UFGD



Luci Ana Lima Souza
Técnica de Laboratório – FALE/UFGD



Vanilce Farias Gomes
Mestranda em Psicologia – UFGD



Flaviana Miranda

Técnica administrativa – PROEX/UFGD



Dominique Campos Cavalcante

Graduanda em Relações Internacionais – FADIR/UFGD



Beatriz dos Santos

Graduanda em Engenharia Civil – UFGD



Letícia dos Santos Correa

Graduanda em Ciências Sociais – FCH/UFGD



“Peles Presentes”

“Lembro-me da emoção de saber da ideia do projeto, uma iniciativa tão política que prontamente mobilizou a todos no anseio de representar a negritude na UFGD, a fim de muito bem pontuar que existimos e resistimos. Um projeto grande, com muitas demandas para a organização, que a partir de várias mãos negras, foi sendo sensivelmente construído. Peles Presentes foi um movimento revolucionário na universidade, em olhos e ouvidos atentos a ideia se espalhava, e as fotografias espelhavam nossa presença, uma crítica à branquitude e ao racismo institucional. Os corredores foram enfeitados com a diversidade de cores e traços negroides que contemplam pessoas negras, somos maioria na sociedade e isso precisa aparecer na universidade.

Peles Presentes levantou a importância de pensarmos na saúde mental de pessoas negras na universidade, sendo então, a representatividade um fator importante para a permanência no ensino superior. Além disso, a partir do projeto foi-se criado um aquilombamento, uma rede de apoio que se faz enquanto uma ferramenta de fortalecimento psíquico.

Escolher meu look, estrategicamente pensado em cada detalhe para trazer a negritude em cada elemento, foi mais uma forma de vestir a pele que me habita. O ensaio foi um momento de muitas trocas, Keeh [o fotógrafo como é chamado entre nós] soube muito bem conduzir o encontro para que fosse um momento confortável para “todes”. No dia do ensaio, uma amiga foi comigo, também

fui companhia para uma amiga que foi fotografada, esse projeto permitiu que os encontros e os reencontros fortalecessem ainda mais os laços entre nós.

Peles Presentes foi um presente para corpos que não se viam contemplados ou acolhidos na universidade, me sinto extremamente grata por ter feito parte disso, e orgulhosa pela potência desse projeto que fez revolução na UFGD.

Parabenizo e celebro a coragem e a resistência de todas as pessoas que organizaram e fizeram esse chamado ancestral acontecer.”

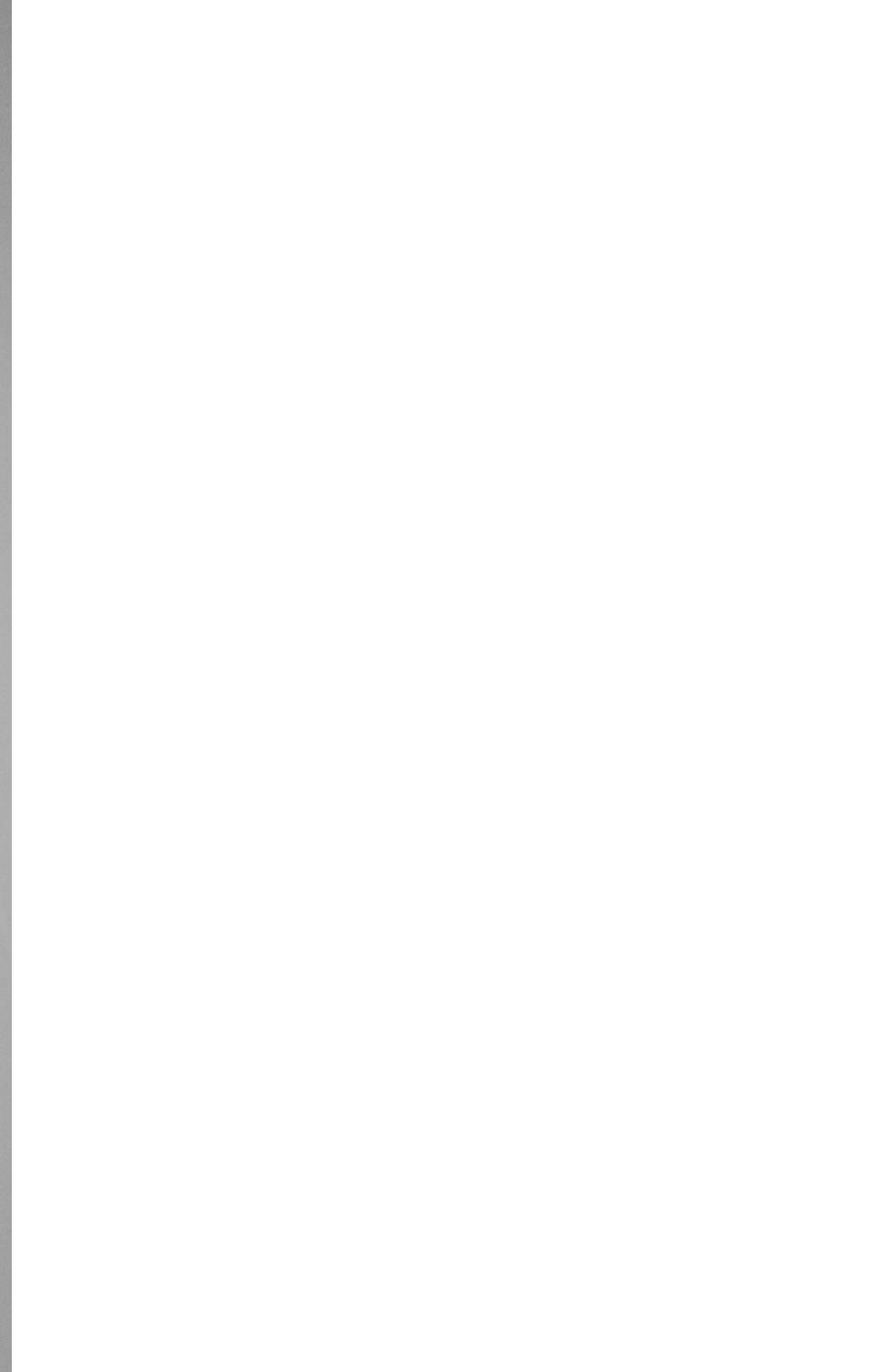
Maria Carol Ferreira

Psicóloga egressa da UFGD
Mestranda em Psicologia na UFMS





Thais Pereira Fonseca Ferreira
Graduanda em Ciências Biológicas – UFGD



Dominique Campos Cavalcante
Graduanda em Relações Internacionais – FADIR/UFGD



Elizângela de Souza Bernardes
Técnica administrativa – COGRAD/UFGO



Leticia dos Santos Correa
Graduanda em Ciências Sociais – FCH/UFGO



Thais Pereira Fonseca Ferreira
Graduanda em Ciências Biológicas – UFGD



Karoline Andrade Rodrigues
Graduanda em Biotecnologia – UFGD



“Meu nome é Wagner Farias Torres, e eu quero falar um pouco sobre minha participação no projeto performático Peles Presentes. Quero dizer que estou fazendo este relato de frente para minha fotografia, que ficou comigo, que me acompanha desde 2019 em todos os lugares por onde eu passar, por onde eu vier transitar essa foto estará comigo. Ela é muito representativa para mim, porque foi no período que estava cursando o mestrado em Educação e Territorialidade, na FAIND, e foi um momento muito turbulento, um pouco antes de começar a pandemia. Então, tínhamos sonhos, perspectivas como jovens negros que estavam adentrando o espaço da universidade, que foi um espaço tão negado aos nossos povos originários e nossa ancestralidade foi se perdendo, sobretudo dentro do âmbito da universidade e esse projeto fez um resgate de nossas identidades. Eu acho que nunca vi aquela universidade, a UFGD, tão negra, quanto no dia do lançamento do projeto. E falando um pouco do processo, foi muito interessante, quem fotografou foi o “Keh Arruda”, e foi muito legal a proposta, foi tão bacana participar, eu estava em um turbilhão, tanta coisa na cabeça, e ter aquele momento, aquela tarde lá no Núcleo de Artes Cênicas, foi bem especial e divertido, porque a forma como o Keh fez os registros foi surpreendente. Ele propunha para gente pensar em situações pela qual qualquer negro já tenha passado na pele. Ele fez um jogo com a gente. Ele jogava e a gente poderia devolver, e foram muitas caras e bocas, muito deboche, muito empoderamento e, sobretudo,

uma reparação, porque é tão difícil, principalmente para nós, juventude periférica, adentrar num espaço tão hierarquizado, tão branco e tão patriarcal. Então, para gente é uma luta muito grande e quando a gente consegue nada é mais justo que a gente ter as nossas identidades destacadas ali. E esse projeto propiciou isso, de mostrar onde eles estão, né? Eles estão aqui PRESENTES! Porque o nosso povo é tão inviabilizado por tanto tempo, a gente carrega com a gente tudo o que nossos ancestrais também passaram, todos os dias temos que lutar, agregar, mostrar pelo que a gente veio, mostrar que somos 10 vezes melhores que os outros, qualquer erro nosso ele se torna relevante aos olhos das pessoas, e a gente sempre tem que buscar ser melhor todos os dias. Então, chegar nesse espaço que é a universidade, que é um espaço de poder, um espaço que é tão desfavorável a nós, é uma grande conquista, sobretudo eu, que no período estava na pós-graduação e buscava crescer, querendo cada vez mais conhecimento, e sim, querendo provar que eu era melhor, bom. Mais uma coisa, Peles Presentes propiciou, a nós, a exaltação de nossa beleza, de nossa pele preta reluzente, que ninguém tem a pele que reluz ao sol como a gente tem. Cada um de nós busca esse lugar ao sol e a gente vai conquistando, e ter visto ali na exposição todos retratados, de porteira a doutor, pretos no âmbito da universidade, foi algo grandioso. Tenho certeza que foi um marco. Isso precisa ser perpetuado e idealizado mais vezes, porque nós estamos aí, ocupando todos os espaços,

mesmo que nos são negados historicamente, mas estamos aí na resistência, nos firmando cada vez mais e mostrando a nossa cara, a nossa pele, nosso vigor e o quanto que a gente procura fazer para dar o nosso melhor sempre, colocando a nossa essência.”

Wagner Farias Torres

Bacharel em Artes Cênicas – FALE/UFGD
Mestre em Educação e Educação e Territorialidade
– FAIND/UFGD
Dourados, 31 de julho de 2023.

O CAMINHAR SE FAZ CAMINHANDO:
SUPER-AÇÃO OU SUPERAÇÃO?

Claudia Cristina Ferreira Carvalho

Profa. Dra. em Educação, docente na FAED/UFGD
Coordenadora do NEAB/UFGD (2019-2023)





Victor Albuquerque Felix da Silva
Graduando em Relações Internacionais – FADIR/UFGD



Maria Carol Ferreira
Psicóloga egressa – FCH/UFGD



Célia Regina da Silva
Porteira na FALE/UFGD



Ana Karolynne Galdino da Silva
Graduanda em Psicologia – FCH/UFGD



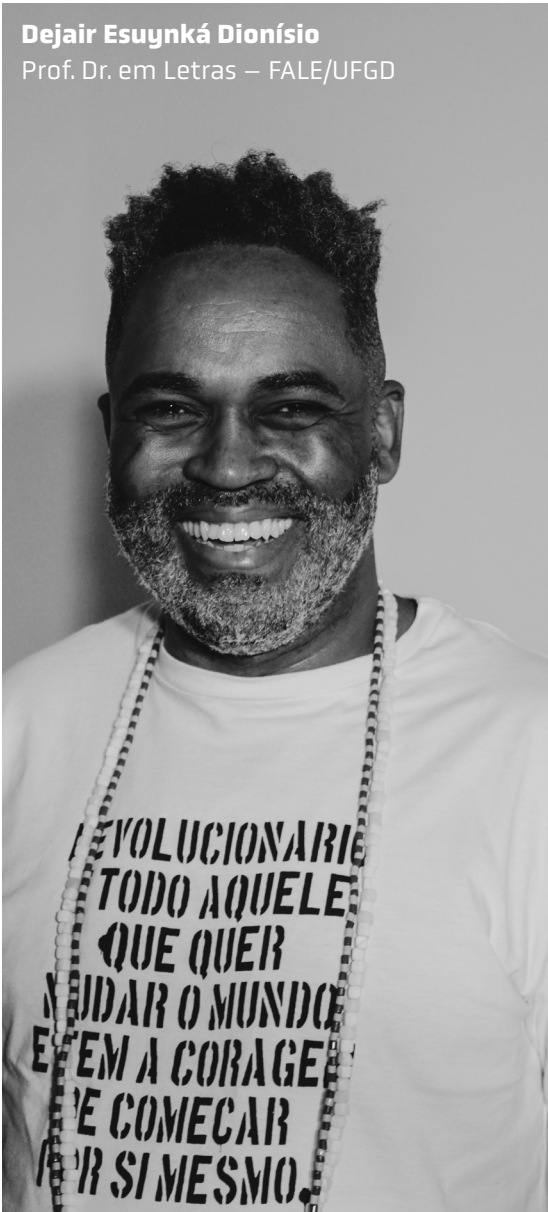
Thales Albano de Sousa Pimenta
Programador visual e
Assessor de Comunicação Social (ACS)
REITORIA/UFGD



Reinaldo dos Santos
Prof. Dr. em Sociologia – FAED/UFGD



Sebastião Henrique Silva Cruz
Graduando em Geografia – FCH/UFGD



Dejair Esuynká Dionísio
Prof. Dr. em Letras – FALE/UFGD



Leandro da Silva Oliveira
Graduando em Letras – FALE/UFGD



Elizângela de Souza Bernardes
Técnica administrativa – COGRAD/UFGD



Daniel Demetrio da Silva Bento
Graduando em Relações Internacionais
FADIR/UFGD



Apathe Ansunda Có
Graduando em Agronomia – FCA/UFGD



Vanilce Farias Gomes
Mestranda em Psicologia – FCH/UFGD



Italo Monteiro
Graduando em Ciências Biológicas – UFGD



Nadia Ferreira da Silva

Graduanda em Artes Cênicas – FALE/UFGD



Maria de Lurdes dos Santos

Profa. Dra. em Sociologia – FAED/UFGD



Ethol Exime

Aluno especial no mestrado em Agronegócios – UFGD



Raíssa Soares Gomes

Graduanda em Relações Internacionais – FADIR/UFGD



Capítulo 3

Epílogo

**A PELE SE FAZ PRESENTE! “E NUM
SEGUNDO, O ETERNO SE FAZ”**

Pensar as Artes em seu contexto mais amplo e plural é pensar a intimidade das relações entre tantos corpos multicoloridos e suas ancestralidades, é, invariavelmente, mobilizar diferentes territorialidades e temporalidades. Nosso passado entremeado por tantas diásporas reinvindicava outras formas de narrar nossas histórias, para que deste mesmo presente possamos projetar um futuro que seja pelo menos mais múltiplo e diverso. Articular mundos, nesse sentido, é um gesto ético, estético e radical de respeito às singularidades que estruturam qualquer coletividade, como as nuances e as sutilezas vitais para um bom conviver. Só a pluralidade da Arte é capaz de inspirar e mobilizar tantas memórias, desejos e afetos em tantas intensidades. Estar em movimento é também uma forma de mobilizar sonhos, paixões e imaginários, mas principalmente nossa força de realização (axé). (Santos, p. 59, 2022).

Inaicyra Falcão dos Santos

Artista e articuladora de universos
Catálogo do Prêmio Milu Vilella 2023 – Itaú
Cultural 35 Anos

Chegarmos até aqui depois de todo nosso caminhar, nos alegra em profundo e nos dá a certeza da jornada de um aprendizado estético mensageiro de múltiplos saberes ancestrais. As peles presentificadas nos corpos da performance fotográfica surgiram nos corredores e nas esplanadas do campus da UFGD, ocupando os dias e as noites, imagens que nos olhavam, partilhavam risos, dores, seus dramas pessoais mais profundos, suas alegrias e prazeres, em alguns momentos era quase possível imaginá-las falando conosco, nos desa-

fiavam, pareciam sussurrar segredos ou denunciar injustiças veladas pelo tempo corridos das existências.

Sobretudo nos lembravam que aquelas peles negras presentes, estavam ali, compunham aquele espaço artístico e esteticamente, mas, para além disso, vividamente! A performance fotográfica nos possibilitou, como comunidade acadêmica, um exercício de fazer vida e fazer conjunto, nos fez lembrar que a gente é para brilhar e não para morrer violada, silenciada, invisibilizada na sombra de podres poderes. A proposta artística movia-nos como um todo e deslocava a comunidade acadêmica dos caminhos cotidianos pelo espaço da universidade, renovava o tempo e o espaço e nos lembrava que corpos e peles pretas não nasceram para ser invisíveis, ou para serem oprimidos, mas ali simbolicamente preenchendo cada coluna da instituição catedrática e hermética em suas colonialidades, nos diziam que são protagonistas de nossa sociedade que nos ensinam, que nos inspiram e mobilizam em nós desejos de mudanças sem perder de vista a beleza, a poesia de suas identidades, as narrativas visuais e potências de suas existências.

Por meio da Arte manifestada em Peles Presentes, concluímos que re-memoramos afetos, afastamos os medos e nos (re)alimentamos de esperanças. Essa performance demonstra que é possível expandirmos nossos repertórios interculturais na busca por um mundo possível, menos injusto e preconceituoso, mais empático, assim como desenvolvermos nossas percepções, sensibilidades e alteridades num trabalho constante de conscientização e de compreensão de que não há mais espaço para o racismo. Sonhamos, por fim, que este livro fotográfico sirva como Arte, que inspire outros espaços educacionais e acadêmicos, fomenta, provoque, discuta e, quem sabe, desenvolva outras propostas artísticas reflexivas transformadoras e desejosas de uma nova e justa comunidade.

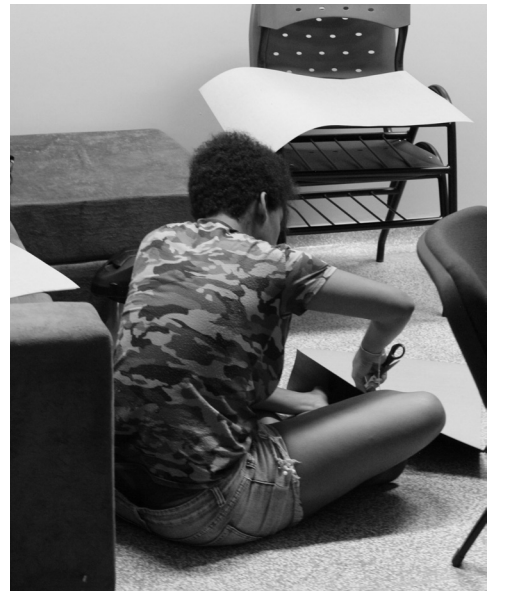
MAKING OF

Peles Presentes

126







FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: PELES PRESENTES (2019)

Direção geral: Cláudia Cristina Ferreira Carvalho

Direção artística curadoria: Carla Cristina Oliveira de Ávila, Cláudia Cristina Ferreira Carvalho

Criação e concepção: Claudia Carvalho, Carla Cristina Oliveira de Ávila, Cleverton do Carmo Arruda, Dérick Luís de Moraes Conceição, Luci Ana Lima Souza, Marina Sousa de Caralho

Fotografia: Cleverton do Carmo Arruda

Arte gráfica: Bruno Augusto, Luci Ana Lima Souza

Assistente de produção: Luci Ana Lima Souza, Aline Anjos da Rosa, Beatriz dos Santos, Juliano Antunes Espindola.

Participantes performers fotográficos(as): Alfa Oumar Diallo, Amanda Sena Peres Pessoa, Ana karolynne Galdino da Silva, Ana Paula Carvalho Batista, Apache Ansunda Có, Beatriz dos Santos, Benedith Gregory Araujo Okpara, Claudia Cristina Ferreira Carvalho, Cleverton do Carmo Arruda, Cristiane Silva de Lima Almeida, Célia Regina da Silva, Daniel Demetrio da Silva Bento, Dejair Esuynká Dionísio, Dérick Luís de Moraes Conceição, Dominique Campos Cavalcante, Elessandra Farias, Elizângela de Souza Bernardes, Edilson Osmar dos Santos Baessa, Ethol Exime, Felipe Gabriel de Angelo Batista, Flaviana Miranda da Silva de Sá, Geovani Urder de Andrade, Guilherme Oliveira Silva, Héudia da Costa Monaco, Ítalo Monteiro, Jean Kenold Dorce, Josimary Batista Mariano Ramires, Juliana Pietra da Silva Damião, Karoline Andrade Rodrigues, Leandro da Silva Oliveira, Leticia dos Santos Correa, Luci Ana Lima Souza, Maria Carol Ferreira, Maria de Lurdes dos Santos, Marina de Sousa Carvalho, Mateus Vinicius Teles Lima, Mauricio da Silva Figueiredo, Nadia Ferreira da Silva, Paola Cristina

Febronia da Silva, Paulo, Victor Rodrigues Gonçalves, Raíssa Soares Gomes, Reille Cristovao da Cunha, Reinaldo dos Santos, Samuel dos Santos de Paula, Sebastião Henrique Silva Cruz, Thais Pereira Fonseca Ferreira, Thales Albano de Sousa Pimenta, Vagner Almeida dos Santos, Vanilce Farias Gomes, Victor Albuquerque Felix da Silva, Vitor Dantas de Almeida, Wagner Farias Torres, Wellington Lopes de Carvalho, Yan Lucas de Lima Rufino.

Equipe de montagem: Andress Amon Lima Mattos, Cleverton do Carmo Arruda, Dérick Luís de Moraes Conceição, Guilherme Oliveira Silva, Lucas de Oliveira Alves, Luci Ana Lima Souza, Marina de Sousa Carvalho e Yan Lucas de Lima Rufino.

Realização: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros-NEAB/UFGD

Apoio: Núcleo de Artes Cênicas – NAC/FALE/UFGD

NAC Lab – Projeto de Produções Audiovisuais do Núcleo de Artes Cênicas UFGD

Faculdade de Comunicação, Artes e Letras – FALE/UFGD

Local e data

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Dourados, Mato Grosso do Sul

20 de novembro de 2019 – Dia da Consciência Negra

REFERÊNCIAS

134

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma única história**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, J.; CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno [uma redefinição]. *In*: BO-
-RON, A. A.; GONZÁLEZ [org.]. **A teoria marxista hoje**: problemas e perspectivas. Buenos
Aires: CLACSO, 2006, p. 395–420.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**. Curitiba: Appris, 2020.

CESAIRE, Aimé; MOORE, Carlos. [org.] **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nan-
dyala, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_resource/content/1/%5BAULA%208%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20ne-gritude.pdf)
[resource/content/1/%5BAULA%208%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20ne-](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_resource/content/1/%5BAULA%208%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20ne-gritude.pdf)
[gritude.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5663271/mod_resource/content/1/%5BAULA%208%5D%20Cesaire_Discurso%20sobre%20a%20ne-gritude.pdf). Acesso em: 20 out. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p.

CUNHA, Teresa. **Never trust sindarela**: feminismos, pós-colonialismos. Coimbra: Al-
medina, 2014.

CUSICANQUI, Silva Rivera. **Sociología de la imagen** – miradas ch’ixi desde la história
andina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing europe-postcolonial thought and historical**
dif-ference. Princeton: University Press Published by Princeton University Press, 2000.

DIOP, Cheikh. **The african origin of civilization**: myth or reality. Chicago: Lawrence Hill
& amp. Co., 1974.

DU BOIS. W.E.B. **As almas do povo negro**. Tradução Luciano Feijão. São Paulo: Veneta,
2021.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora
Malê, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salva-
dor: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora
UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filguei-
ra. Petropolis: Vozes, 2019. – Coleção Antropologia. p. 71. Disponível em: [https://archive.](https://archive.org/details/ingoldtim.antropologia-paraqueserve/page/n55/mode/2up)
[org/details/ingoldtim.antropologia-paraqueserve/page/n55/mode/2up](https://archive.org/details/ingoldtim.antropologia-paraqueserve/page/n55/mode/2up). Acesso em:
10 out. 2023.

KLEE, P. Confissão criadora. *In*: KLEE, P. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 43.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conheci-
mento. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

135

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/10789>. Acesso em: 20 out. 2023.

SANTOS, Inaicyra. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 3. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2014.

SANTOS, Inaicyra Falcão. **Catálogo do Prêmio Milu Vilella 2023** – Itaú Cultural 35 Anos. p. 59. 2022. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/folder_miluvilella_digital_2022. Acesso em: 30 out. 2023.